



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

**Eixo temático: Serviço Social, relações de exploração/opressão e resistências de gênero, feminismos,
raça/etnia, sexualidades**

Sub-eixo: Sexualidades, identidades de gênero e direitos

**O QUE SE SABE SOBRE ELAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE PESQUISA DE INICIAÇÃO
CIENTÍFICA SOBRE MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA**

LARISSA VITÓRIA COSTA DA SILVA¹

RICARDO WILLIAM GUIMARÃES MACHADO²

NILZA ROGÉRIA DE ANDRADE NUNES³

RESUMO:

Este trabalho é um relato de experiência do projeto de iniciação científica "Mulheres em situação de rua: o que se sabe sobre elas?", cujo objetivo foi aprofundar conhecimentos sobre suas condições de vida. A metodologia foi uma pesquisa-ação. Os resultados demonstraram como o racismo estrutural e a desigualdade de gênero contribuem para a vulnerabilidade das mulheres em situação de rua.

Palavras-chave: mulheres; situação de rua; violência; racismo;

ABSTRACT:

This work is an experience report of the scientific initiation project "Women in street situations: what is known about them?", whose objective was to deepen knowledge about their living conditions. The methodology was an action research. The results demonstrated how structural racism and gender inequality contribute to the vulnerability of women living on the streets.

Keywords: women; homeless; violence; racism

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

² Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

³ Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Introdução

A atualidade contemporânea tem sido marcada por diversas expressões da questão social e aprofundada pelo processo de globalização advindo do modelo econômico capitalista que é, por si só, desigual, racista e excludente. O estudo a partir da questão da situação de rua encontra convergência em várias políticas públicas que devem assegurar, por exemplo, saúde, assistência social e habitação a estas pessoas que convivem diariamente com a falta de acesso e direitos, que foram concedidos mediante Constituição Federal, em 1888.

O Decreto nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009 define:

“população em situação de rua o grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória.”

O termo “situação de rua” resulta da política nacional para este público, sancionada em 2009, ilustrando a falta de moradia e o próprio grupo que sofre dela. A relação restrita entre a privação e negação de direitos e uma identidade social define a ausência de moradia de exiguidade de outros direitos socioeconômicos. Segundo Rosa, Cavicchioli e Brêtas (2005), identificam-se situações diferentes em relação à permanência na rua: há aqueles que podem ficar na rua circunstancialmente; estar na rua recentemente ou ser da rua permanentemente. Com isso, temos que considerar a diversidade existente neste grupo e pensar em soluções diversas. Não há como pensar soluções iguais para expressões diferentes.

Na cidade do Rio de Janeiro, o último levantamento realizado pela Secretaria Municipal de Assistência Social e Direitos Humanos (SMASDH) em parceria com o Instituto Pereira Passos, denominados "Somos todos Cariocas", mostrou que há 4.628 pessoas em situação de rua, o levantamento foi realizado no dia 23 de janeiro de 2018. Conseguiram identificar através do levantamento que 81% declararam do sexo masculino e 19% se declararam do sexo feminino, possuindo duas em cada três pessoas idades entre 30 e 59 anos. No que se refere a questão racial, 45% eram pardos e 33% pretos. Dados similares foram identificados pela pesquisa “População em situação de rua em tempo de COVID 19” realizada pelo Departamento de Serviço Social da PUC-Rio, em 2020.

Este relato de experiência pretende apresentar os resultados da pesquisa “Mulheres em situação de rua: o que se sabe sobre elas?” realizada no âmbito do Programa Institucional de



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) da PUC-Rio no qual participou uma das autoras deste artigo. Este estudo teve como objetivo aprofundar conhecimentos sobre as mulheres em situação de rua a partir dos estudos e pesquisas produzidos sobre elas, bem como verificar como vem sendo ofertados os recursos que assegurem seus direitos sociais.

O período iniciado deste estudo se cruzou com o aumento da população em situação de rua em face a da COVID-19, que acentuou a desigualdade social e revelou consequências da atual conjuntura política econômica e social brasileira. O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Natalino, 2022), divulgou em dezembro de 2022 uma estimativa que apontou o crescimento de 38% da população em situação de rua durante a pandemia de COVID-19. Além dados quantitativos, a pesquisa avalia que o país ainda precisa avançar para uma contagem censitária mais precisa desta população e resgata historicamente que somente em 2010 essa população foi incluída no Cadastro Único e somente em 2011 passa a ter acesso ao Sistema Único de Saúde (SUS), por se tratar de uma população sem comprovante de residência. (Natalino, 2022).

Considerando a vulnerabilidade extrema que acomete este grupo, pretendeu-se compreender as questões que acometem as mulheres em situação de rua. Para elas as vulnerabilidades notadamente se acentuam. Refletir sobre as condições sociais e de saúde que as acometem requer compreender quem são essas mulheres pobres e majoritariamente negras. Historicamente ocuparam as cozinhas, serviram para a execução do trabalho doméstico remunerado (Silva, 2013) e possuem menor presença em empregos com carteira assinada. Ocupam o último degrau da escala das desigualdades, com as menores condições de renda. O impacto da desigualdade de gênero, provoca sobre as mulheres os impactos psicológicos e emocionais relacionados ao estresse desses trabalhos.

Apesar da heterogeneidade existente no termo situação de rua, é possível identificar aproximação na condição de exclusão social e falta de acesso a bens e serviços e a incidência de empregos informais e/ou precários. Essas estruturas se acentuam na condição feminina em situação de rua. Para Crenshaw (1989) a visão tradicional afirma que a discriminação de gênero diz respeito às mulheres e a racial diz respeito à raça e à etnicidade, assim como a discriminação de classe diz respeito apenas às pessoas pobres, entretanto, sugere que, na verdade, nem sempre lidamos com grupos distintos de pessoas e sim com grupos sobrepostos. Assim, ao se sobrepor o grupo das mulheres negras, o grupo das mulheres pobres, grupo de mulheres que sofrem algum tipo de discriminação por condição de deficiência física, as mulheres de pele mais escura são as

que tendem a ser mais excluídas das práticas tradicionais de direitos civis e humanos. Com isso, acredita-se que a visão tradicional de discriminação opera no sentido de excluir essas sobreposições (Crenshaw, 1989).

De acordo com Collins (2022), a interseccionalidade, após se consolidar como um campo de estudo, deve evoluir para uma teoria social crítica capaz de enfrentar os complexos desafios da contemporaneidade. A autora enfatiza a necessidade de um vocabulário comum que democratize o acesso à discussão sobre as diversas formas de opressão, aprofundando a análise do poder epistêmico que limita e condiciona a resistência intelectual. Para Collins, a ação social emerge como um elemento central na teorização da interseccionalidade, enquanto a relacionalidade é apresentada como o eixo norteador para a construção de uma justiça social mais equitativa.

Curriel (2020) corrobora essa perspectiva, destacando que categorias como raça, gênero, classe e sexualidade são construções históricas do colonialismo, profundamente arraigadas em sistemas de opressão complexos. Essas categorias não são simples divisões sociais, mas sim o resultado de processos de dominação e desigualdade. Desse modo, Curriel argumenta que a interseccionalidade não se limita à defesa da inclusão social de grupos marginalizados, mas exige uma transformação social profunda que vise enfrentar as raízes das opressões que operam na sociedade.

Ao refletir acerca das mulheres negras que utilizam as ruas como espaços de moradia e/ou sobrevivência na cidade do Rio de Janeiro, procura-se compreender esta realidade pela análise concreta/ material das relações sociais em consonância com os aspectos que permeiam a realidade destas pessoas. O pauperismo, como consequência das desigualdades existentes na sociedade atual, aponta para uma realidade na qual a riqueza socialmente produzida é apropriada por uma pequena parcela da população. Estar na rua é uma condição social que só pode ser compreendida em sua essência, quando se apreende esse processo social que “empurra” milhares de pessoas a esta condição.

A população em situação de rua e a Questão Social

A população em situação de rua sofre com uma das grandes expressões da questão social na atualidade. Por isso, pensar os efeitos que a realização causam na sociedade brasileira requer uma análise paralela com a discussão da questão racial, compreendendo que a realização se configura como um fenômeno estrutural atrelado a formação social do país, evoluindo desde o processo de Abolição da Escravatura e acompanhando o desenvolvimento do modo de produção

capitalista e, assim, da produção da cidade urbana e das relações sociais específicas da sociedade burguesa.

Dessa forma, a partir da análise do processo de realização e exclusão social, entendendo-os como uma das dimensões da agudização da questão social, que eclodem de forma latente no processo de industrialização e da relação antagônica entre capital e trabalho (Netto, 2007), a situação de rua se constitui, portanto, como objeto da atuação do Serviço Social.

Yazbek (2012) afirma que no Brasil “a pobreza decorre, em grande parte, de um quadro de extrema desigualdade, marcado por profunda concentração de renda.” (Yazbek, 2012, p.290). Nesse sentido, é destacado os altos índices de desigualdade brasileiros, cujas estimativas sugerem que os 10% mais ricos de fato concentram 55% do total da renda do país. Isso se reflete no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) brasileiro, no qual, em 2018, o Brasil ocupou a 79ª posição entre os 169 países onde ele é aplicado. Isso caracteriza como o país se apresenta nos quesitos de educação, saúde e renda (ONU, 2019).

Para a diminuição, embora seja necessário a eliminação, dessas desigualdades, é necessário se pensar em soluções aos problemas estruturais que dizem respeito a transferência de renda, construção de moradias, o acesso ao trabalho e conseqüentemente a renda, investimentos em políticas públicas que reforcem a qualidade da saúde e educação públicas, para que ambos sejam ofertados com qualidade.

A desigualdade impregnada nas estruturas da nossa sociedade está diretamente relacionada a violências paralelas que são necessárias para manutenção do capitalismo que é excludente, patriarcal e institucional. Estas violências e violações são responsáveis pela promoção de processos que vulnerabilizam milhares de pessoas, cuja renda é insuficiente para o suprimento de recursos básicos que garantam sua sobrevivência. A pobreza é categoria relativa e variada, que se manifesta como um fenômeno da que se constitui em bases da estrutura das sociedades modernas. (Paugam, 2003; Ivo, 2008; Telles, 2008), sendo determinada pela situação de privação de determinados grupos que os levam a necessitar de assistência.

Como um processo de construção social e cultural, suas manifestações se constroem e constituem exteriormente ao indivíduo, porém através da sua própria percepção enquanto grupo social e do reconhecimento enquanto grupo marginalizado (Paugam, 2003).

Assim, é possível relacionar o conceito de pobreza e riqueza como corresponsáveis na reprodução de processos econômicos, políticos e sociais, discriminações e pré-conceitos. Os obstáculos presentes na busca de alimentação, higiene e direito são apenas algumas das



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

dificuldades que encontra uma pessoa em situação de rua e isso decorre de ausências como documentação, informação e endereço convencional. No âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), que garante a universalidade dos serviços, a população em situação de rua passou a acessar o Sistema sem comprovante de residência apenas em 2011. Em 2012 é regulamentado o funcionamento dos Consultórios na Rua (CnR). (Natalino, 2022).

Assim sendo, para analisarmos a realidade da população em situação de rua no Brasil hoje, é imprescindível pensar que estes indivíduos recaem sobre a situação de rua a partir de marcadores de opressão característicos da formação social brasileira o que é, em sua essência, um modelo de país desigual, racista e que criminaliza os mais pobres.

Metodologia:

O trabalho foi iniciado com uma revisão bibliográfica nas bases de dados da Scielo e Google acadêmico. Utilizamos como descritores os seguintes termos: mulheres em situação de rua + saúde, saúde, assistência social, políticas públicas + mulheres em situação de rua, direitos humanos. Foram localizados 10 artigos, cujos resumos foram lidos na íntegra. Após a leitura dos mesmos, foram selecionados 3 artigos, por considerarmos que estes se aproximam de forma mais concreta e adequada da temática: Mulheres em situação de rua: memórias, cotidiano e acesso às políticas públicas; Para ficar em casa é preciso ter casa: desafios para mulheres em situação de rua em tempos de pandemia; Vulnerabilidade e Resistência: um corpo errante de uma mulher em situação de rua. A leitura dos textos favoreceu uma maior amplitude no conhecimento do contexto e das vulnerabilidades que acometem as mulheres e os desafios para enfrentá-los.

Concomitantemente, o projeto de pesquisa possibilitou uma aproximação com as experiências das mulheres em situação de rua em ações sociais e espaços sócio-ocupacionais que atendem este público, no território central da cidade do Rio de Janeiro. A observação participante em espaços públicos e privados com atuação de profissionais de Serviço Social, e a atuação em atividades voltadas para o público em questão favoreceram uma reflexão sobre as dimensões que constroem o trabalho do Assistente Social.

Este trabalho permitiu observar a realidade da mulher em situação de rua frente às vulnerabilidades e violências sofridas por elas diante a vida nas ruas e cumprir com o objeto de aprofundar os conhecimentos sobre as mulheres em situação de rua; mapeamento da rede de acolhimento pública e não governamental e as diferentes formas de acesso aos serviços de saúde



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

e assistência social que lhes são garantidos por lei e; participação observante em fóruns, congressos e eventos que pleiteiem o assunto.

A partir desta análise, foi inserido o debate teórico sobre as mulheres em situação de rua e através da pesquisa qualitativa da produção temática existente acerca do tema utilizou-se a estratégia de observação e instrumentos de registro como anotações e fotografias, onde se busca dar enfoque à condição de ser mulher e estar em situação de rua. “A variedade de técnicas e de referências evidencia que cada tipo de estudo, teoria ou método deve adequar-se à compreensão do objeto - que é sempre sujeito, por trabalharmos com seres humanos” (Minayo; Guerreiro, 2014, pg. 12) e a partir desta afirmação se torna essencial nesse trabalho a consideração dos afetos, uma vez que a “pesquisa social se faz por aproximação” (Minayo, 2014. pg. 12)

Tendo por si só consciência histórica, não cabe somente ao investigador oferecer sentido ao seu trabalho intelectual, mas ao próprio objeto, que é também o sujeito da pesquisa, já que possui a capacidade de “explicitar suas intenções e seus atos e projetam, planejam seu futuro” (Minayo, 2014. pg. 13). Neste sentido, as mulheres em situação de rua podem ser consideradas como co-autoras deste artigo que busca trazer na metodologia sua memória, seus afetos e vivências.

O que aprendemos sobre as mulheres em situação de rua

Compreendendo as análises anteriores, podemos identificar que a população em situação de rua sofre com variadas formas de violência e violação de direito que não ocorrem de forma isolada, mas sim de maneira interconectada e simultânea nos processos de sobrevivência desses indivíduos. Assim, precisamos nos debruçar em parcelas menos percebidas nos grandes contingentes masculinos que compõem a população em situação de rua. Estamos falando de mulheres que por muitas vezes são as que mais sofrem violências nas ruas e, que mesmo não compondo maioria, estão mais expostas a processos de opressão e de extermínio, devido à sua condição de gênero raça classe cor etnia religião entre outros.

As mulheres em situação de rua vivenciam opções constantes desde o início da vida nas ruas até processos mais delicados como gestação, autoproteção e garantia de subsistência. A mulher em situação de rua é, em sua maioria, mãe negra vítima de violência doméstica, com transtornos de saúde mental e com o uso contínuo de álcool e drogas.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

No que diz respeito às políticas públicas que prestam atendimento especial às pessoas em situação de rua, os serviços mais acessados pelas mulheres são os Centros de Referência Especializados para População em Situação de Rua (Centro POP), abrigos, albergues, Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) e algumas já frequentaram comunidades terapêuticas. O Centro POP e os albergues são os mais citados pelas mulheres.

A rua, que é lugar de encontro dos movimentos sociais, da ascensão do poder popular a exemplo do movimento pelas Diretas Já e da Luta da População em Situação de Rua, comemorada dia 19 de agosto, em memória ao massacre da Sé, se faz palco para a manifestação da extrema pobreza. Entretanto, é o locus da construção de relações cotidianas que se estabelecem a partir da identificação dos sujeitos que vivem ali.

A pesquisa-ação contou com um trabalho de campo desafiador por ter sido executado em uma atmosfera pós-pandêmica, entretanto permitiu perceber a relação de solidariedade e afeto entre a população em situação de rua.

Além da revisão bibliográfica sobre a temática das mulheres em situação de rua, foi possível por meio da pesquisa acompanhar no modelo de participação-observante algumas rodas de conversa com temas pertinentes, onde se teve acesso direto com as usuárias do equipamento da prefeitura, coletando vivências, observando a estrutura do local público, no abrigo feminino, por um período de três meses, semanalmente.

Participamos do Projeto Despertar, promovido pelo Pretas Ruas, coletivo que atua junto a este segmento que tem por visão ser referência na implementação de ações e projetos sociais com foco em mulheres negras em situação de rua, abrigos e ocupações, a fim de construir um futuro mais inclusivo e acolhedor. As ações contaram com rodas de conversas de construção coletiva e aplicação de Reiki ao final. O Reiki é conhecido pela Organização Mundial da Saúde (OMS), e oferecido pelo Sistema Único de Saúde (SUS), como Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares, auxiliando no equilíbrio do corpo e da mente.

Com o advento da pandemia da COVID-19 e a falência de muitas empresas, o local que então servia de abrigo, era um hotel bem procurado na Zona Norte da cidade, por estar em uma via conhecida e de fácil acesso ao Centro. A prefeitura se tornou, então, responsável pela gestão do lugar e o transformou em um abrigo feminino. Algumas percepções do espaço físico, da fala das mulheres e dos funcionários foram levadas em consideração nos relatórios de campo como a presença da lista de chamada na entrada, o que demonstra a grande rotatividade de mulheres no



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

espaço, que tem o número de vagas renovados diariamente; algumas palavras de indignação por parte das mulheres; a tristeza em seus olhos e palavras como “O que vocês trouxeram foi um presente pra mim, estamos precisando desse carinho, desse amor. O amor modifica tudo” e no mesmo dia, em momentos diferentes a mesma mulher verbalizar que “É difícil não responder violência com violência”

À época colhemos informações junto as técnicas de referência do abrigo e fomos informadas da presença de 61 mulheres e que o abrigo tem, ao todo, capacidade para 74. Quando perguntada sobre a faixa de idade predominante, a psicóloga responde que varia de dia a dia, já que a rotatividade é grande e os funcionários administrativos não conseguem realizar um levantamento diário. Fomos informadas também que as mulheres que possuem filhos não podem ser acolhidas no abrigo e que a regra predominante para a permanência ou não no espaço é em relação ao uso de álcool e drogas e agressão física.

O encerramento das atividades neste abrigo contou com a articulação junto a um parceiro do território que ofertou um espaço de acolhimento, escuta e troca para as mulheres em 20 de novembro de 2021, dia da consciência negra. No evento de encerramento, foram ofertadas 50 feijoadas, ao som de uma roda de samba composta por mulheres musicistas, em sua maioria negras, que permitiu aflorar nas mulheres em situação de rua o sentimento de pertença e confiança naquele espaço onde muitas se sentiram à vontade em pegar o microfone e soltar sua voz. Relembrando Dandara e Zumbi, foi possível enxergar que ainda existem Dandaras lutando por suas alforrias, em busca de dignidade e do simples direito de viver, dia após dia.

Participamos de uma ação social promovida pela Justiça Federal e realizada na área externa da Catedral Metropolitana do Rio de Janeiro. Neste evento foram ofertados diversos serviços à população em situação de rua como posto de saúde, vacinação contra a COVID-19, suporte da Fundação Leão XIII com emissão de documentos, OAB para a oferta de assistência jurídica. O SEFRAS (Ação Social Franciscana) ofertou almoço, banho e corte de cabelo. Em articulação com o Núcleo de Estudos em Saúde e Gênero (Negas) da PUC-Rio, pudemos desempenhar a articulação prática-teoria, quando se materializa para uma aluna de iniciação científica, seus primeiros contatos com o trabalho profissional envolvendo temáticas relacionadas à saúde coletiva, oferta dos serviços socioassistenciais e às práticas de atuação do Assistente Social.

Outra experiência que permitiu estar junto às mulheres em situação de rua e observar suas estratégias de sobrevivência no território foi a abordagem da Prefeitura a pessoas em situação de



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

rua, em conjunto e com apoio do Centro Pop Bárbara Calazans e o CREAS (Centro de Referência Especializado em Assistência Social), ambos situados a Rua República do Líbano, nº 54 - Centro do Rio de Janeiro. O serviço Especializado em Abordagem Social, no geral, é um procedimento feito por esses dois equipamentos públicos e consta na Tipificação Nacional dos Serviços Socioassistenciais como um serviço com a finalidade de identificar indivíduos em situação de risco pessoal e social. Esta oportunidade possibilitou a observação de como essas mulheres e a população em situação de rua, em geral, se organizam na espera das carreatas com a distribuição de alimentação em lugares estratégicos da cidade. Esta é uma das estratégias de sobrevivência da população em situação de rua, uma vez que são regulares os pontos de distribuição de comida e que garante a alimentação mínima a estas pessoas.

O processo de elaboração da pesquisa de campo também contou com atividades de extensão, que compreende o tripé da educação e da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, e que constitui como um eixo fundamental da Universidade, não podendo ser compartimentado. O artigo 207 da Constituição Brasileira de 1988 dispõe que “as universidades obedecerão ao princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão” (Brasil, 1988), de modo que:

“A extensão é considerada como essencial na formação cidadã dos alunos e na qualificação dos docentes. Defende-se que a produção do conhecimento via extensão é mais rica, pois considera o saber popular e ao testar, na prática, o conhecimento produzido ou preservado pela universidade, esse conhecimento retorna à academia reelaborado” (Nogueira, 2013, p. 41).

A partir destas afirmações é possível pensar na importância de um dos trabalhos elaborados em conjunto com alunos do Departamento de Comunicação da PUC-Rio, que teve como produto um documentário sobre as vivências e experiências dos participantes do Coral Canto da Rua, formado por moradores e ex-moradores em situação de rua e organizado pela Pastoral do Povo da Rua que integra as ações da Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro. O documentário foi realizado por um grupo de alunos do Departamento de Comunicação Social da PUC-Rio em parceria com as alunas do Departamento de Serviço Social. O produto foi uma produção de muita qualidade, feita com empenho e compromisso de todos os envolvidos e onde os participantes do Coral puderam se expressar.

O desdobramento do documentário, que trouxe à luz histórias emocionantes e surpreendentes, “perrengues” e afetos compartilhados na rua, foi a participação na elaboração de



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

um projeto, submetido ao Edital IEAHu da PUC-Rio, que se consumou na realização de um Seminário Interdisciplinar e Interinstitucional organizado pelos alunos dos dois departamentos, a Pastoral do Povo da Rua e as pessoas em situação de rua envolvidas.

A intenção principal foi favorecer o diálogo sobre as representações midiáticas e sociais e a sua relação com a cultura e com os espaços da cidade. Com isso, o evento apresentou para a comunidade acadêmica da PUC-Rio o filme produzido, seguido de uma mesa de debates sobre o que é existir e resistir em situação de rua, onde a própria PSR foi protagonista, fortalecendo a parceria que compete à extensão.

Embora o trabalho não tenha alcançado somente as mulheres, compreendemos que todas as pessoas que estão vivendo nas ruas merecem visibilidade. Com relação à especificidade advinda das demandas das mulheres em situação de rua, pudemos aprender sobre seus trabalhos, afetos, ser feminino na rua, políticas públicas que as atendam e o acesso a serviços e bens, e junto com elas que são protagonistas e vão de objeto a sujeitas dessa pesquisa.

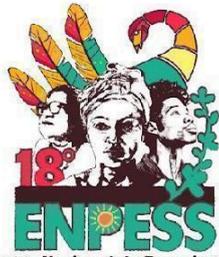
Conclusões:

As reflexões e análise dos dados reunidos neste trabalho apontam para uma realidade de violências inter cruzadas na vida de mulheres em situação de rua, em que as desigualdades de gênero, o racismo estrutural e a pobreza extrema aprofundam as opressões cotidianas dessas mulheres.

É imperativo que tais questões sejam investigadas com mais afinco pelo Estado e pela sociedade, com vista a criar de maneira coletiva e participativa, instrumentos, estratégias e ações que possam diminuir os agravos acometidos à cotidianidade dessas mulheres.

A pesquisa demonstrou que, a partir de atividades que reconheçam esse público como protagonista de suas histórias e, ao mesmo tempo, como formadoras de redes de apoio, afeto e solidariedade nas ruas, há caminhos possíveis para a construção de estratégias de proteção, defesa e garantia dos direitos desse grupo, pensando este ser um passo na superação da situação de rua enquanto uma manifestação pulsante da questão social na sociedade contemporânea.

Entender que o racismo estrutural, a desigualdade de gênero e a pobreza são alguns marcadores constantes na vida dessas mulheres supõe um movimento de luta e de reivindicação pelo direito de existir na sociedade em que vivemos hoje. Com isso, os resultados e conclusões apresentam-nos quão depressa deve ser a implementação de políticas públicas e o



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

monitoramento e uso de dados e indicadores para criação de novas políticas que atendam à especificidade de ser mulher e estar em situação de rua



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Referências bibliográficas:

BRASIL. Secretaria de Atenção à Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Nota Técnica Conjunta n.001: SAS e SGEP . Brasília: SAS, 201

BRASIL. Decreto nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009. Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2009b. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Decreto/D7053.htm. Acesso em: 13 ago. 2024

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Meta Instituto de Pesquisa de opinião. Pesquisa Nacional sobre a População em situação de rua, 2008. Disponível em: https://www.justica.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2019-08/pol.nacional-morad.rua_.pdf Acesso em: 13 ago. 2024

COLLINS, Patricia Hill. Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Pós - Revista Brasileira de Pós-Graduação em Ciências Sociais, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 7, 2020.

CRENSHAW, Kimberlé W. "Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero". Estudos Feministas, ano 10, n. 1/2002, p. 171-188, jan 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2002000100011&lng=en&nrm=iso. Acesso em 15 ago. 2024

CRENSHAW, Kimberle. A Interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4253342/mod_resource/content/1/InterseccionalidadeNaDiscriminacaoDeRacaEGenero_KimberleCrenshaw.pdf Acesso em 11 ago. 2024

CURIEL, Ochy. Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial. In.: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (Org.). Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020. p. 121-138.

IVO, Anete. Georg Simmel e a "sociologia da pobreza". Cadernos do CRH, Salvador, v. 21, p. 171-180, abr. 2008. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-49792008000100013&script=sci_abstract&tlng=p. Acesso em: 18 ago. 2024



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F. . Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 25. ed. rev. atual. Petrópolis

MOURA, Clóvis. Dialética racial do Brasil negro. São Paulo: Ed. Anita Garibaldi, 2014.

NATALINO, Marco. Estimativa da população em situação de rua no Brasil (2012-2022). 1 ed. Brasília: IPEA, 2022.

NETTO, José Paulo. Capitalismo monopolista e Serviço Social. São Paulo: Cortez, 2007.

NETTO, José Paulo. Cinco notas a propósito da “Questão Social”. Revista Temporalis, nº 3. (Revista da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social – ABEPSS), ano II, 2004.

NUNES, N. R.; SOUSA, P. PARA FICAR EM CASA É PRECISO TER CASA: desafios para as mulheres em situação de rua em tempos de pandemia. Revista Augustus, v. 25, n. 51, p. 97-112, 3 jun. 2020.

ONU (BRASIL). Relatório de desenvolvimento humano do PNUD destaca altos índices de desigualdade no Brasil. ONU Notícias, 9 de dezembro de 2019. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/relatorio-de-desenvolvimento-humano-do-pnud-destaca-altos-indices-de-desigualdade-no-brasil/>. Acesso em: 12 ago. 2024.

PAUGAM, Serge. Desqualificação social: ensaio sobre a nova pobreza. São Paulo, Cortez, 2003.

TELLES, Sara Silva. Viver na pobreza: experiência e representações de moradores de uma favela carioca. Rio de Janeiro: Novas edições acadêmicas, 2008.

YAZBEK, Maria Carmelita. Pobreza no Brasil contemporâneo e formas de seu enfrentamento. São Paulo, n. 110, p. 288-322, abr./jun. 2012